

---

## APRESENTAÇÃO

---

*Qual é o efeito do estudo da história?  
Quem escuta? Por quê? Por que não?*

Moses Finley<sup>1</sup>

A indagação de Moses Finley sintetiza e problematiza uma das grandes inquietações que assombram todos os que, pelos mais diversos motivos, dedicam-se ao estudo e à pesquisa da história. Na sua positividade, essa inquietação possui a dimensão de provocar os que já figuram como autores desse conhecimento na sua forma acadêmica – designados como historiadores já há algum tempo – e, em especial, impulsionar e estimular ouvintes e leitores encantados pelas histórias aprendidas a ponto de decidir vir a ser também autor e historiador.

No exercício de se apropriar da indagação de Finley, importante enunciar que a mesma concluiu aula inaugural proferida em Cambridge, em 1971, e veio a ser mobilizada por François Hartog no prefácio de seu livro “Evidência da História. O que os historiadores veem”. Entre sua enunciação na década de 1970 e sua recepção e circulação na atualidade, a indagação de Finley parece não ter perdido sua atualidade. Mais do que atual, e não somente, a indagação de Finley reitera a função de registro e de escrita, da qual a história é uma de suas tributárias, instituindo assim possibilidades de se constituírem tradições, heranças, referências e de, igualmente, de se estimular um querer ir além dos legados estabelecidos e reconhecidos como tais.

Nada mais oportuno, no nosso entendimento, fazer circular mais uma vez a indagação de Finley, ao trazê-la como epígrafe desse texto de apresentação de volume da Revista *Dia Logos*, revista proposta, organizada, produzida e publicada pelos mestrandos e doutorandos do Programa de Pós Graduação em História do IFCH/UERJ. Hoje disponibilizada on-line, e mantendo regularidade nas suas edições, o periódico amplia os diálogos que busca promover a partir, particularmente, da Semana de História Política, evento já reconhecido regionalmente e nacionalmente e que possibilita, vale repetir, por meio do trabalho de mestrandos e doutorandos, a maior visibilidade e publicização da produção de conhecimento histórico no âmbito do PPGH.

Em tempos sombrios, como os que afetam a sociedade brasileira no curso do ano de 2016, em particular o Estado do Rio de Janeiro, a publicação de revista discente de pós-

---

<sup>1</sup>FINLEY, Moses. **Mythe, mémoire, historie. Les usages du passé.** Paris: Flammarion, 1981, p. 251. Citado por HARTOG, François. **Evidência da História. O que os historiadores veem.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.16.

graduandos adquire, à sua maneira, o simbolismo das muitas resistências quotidianas agenciadas por professores, estudantes e técnicos administrativos nos espaços universitários associados diretamente ao fomento da pesquisa. Ao promover, e ter como uma de suas funções sociais, a formação de pesquisadores no campo vasto dos conhecimentos históricos, o PPGH alargou impactos de sua atuação ao apoiar e valorizar as iniciativas dos que se encantaram, e se encantam, pelos ofícios do historiador.

Os dez artigos reunidos nesse volume atestam um pouco da diversidade temática profícua caracterizadora da ampliação do campo de estudos da história política. Abrangem temporalidades, espacialidades, atores e autores variados, por meio de escolhas teóricas e metodológicas em interface com a história social e a história cultural. De certa forma, apontam para a força da política - na alusão mais direta às instâncias múltiplas de constituição das relações de poder - e da investigação sobre o político na pesquisa em história.

Uma pontual amostragem dessa diversidade dos estudos sobre o político e a política materializa-se nas temáticas problematizadas nos textos desse volume, a saber: a Lei Áurea e suas repercussões na imprensa no município fluminense de Barra Mansa, de autoria do doutorando André Rocha Carneiro; a análise da biografia de Alice Tibiriça, militante comunista e feminista em São Paulo, durante a primeira metade do século XX, de autoria da doutoranda Andréa Ledig de Carvalho Pereira; as conexões entre arte e a literatura no território castelhano do século XIII, durante o reinado de Afonso X, de autoria da professora doutora Elaine Cristina Senko; o antissemitismo divulgado nos filmes *Jud Süß* e *Der Ewige Jude*, exibidos em 1940 na Alemanha, de autoria do mestrando Gustavo Feital Monteiro; a emergência de uma fidalguia coletiva na região basca de Biscaia, no século XVI, de autoria do mestrando Julian Abascal Sguizzardi Bilbao; a trajetória intelectual e política de Arnold Ferreira da Silva, no município baiano de Feira de Santana, entre 1909-1930, de autoria do mestrando Juliano Mota Campos; as mudanças de perspectivas e de usos dos arquivos públicos, nas relações com a história social, de autoria do doutorando Leandro Coelho de Aguiar; o redimensionamento dos significados da “resistência democrática”, durante a ditadura civil-militar no Brasil, de autoria do mestrando Natanael de Freitas Silva; a construção da imagem do imperador Galieno (260 – 268) e a perpetuação de sua memória, de autoria do professor mestre Pedro Benedetti; reflexões sobre biografia e história a partir da trajetória de Carmen de Lara Castro (1919-1993), no contexto do governo ditatorial de Stroessner, no Paraguai, de autoria da professora mestre Tamy Amorim da Silva.

Como os leitores poderão constatar, a coletânea desse volume da Dia-Logos convida para o exercício da alteridade. Esperamos que o mesmo possa deleitar e instruir. Resta

acrescentar, ainda, tendo em vista resistências e iniciativas quotidianas, que a pergunta “Qual o efeito do estudo da história?” pode certamente vir a ser ressignificada. E, nesses termos, abrir-se para a pluralidade de respostas, instadas tanto pelos segredos e silêncios do passado, a instigar pesquisadores, e também, e não menos, pelas incertezas do presente e expectativas para o futuro.

Marcia de Almeida Gonçalves  
Professora Associada da UERJ  
Coordenadora do PPGH/IFCH/UERJ (2015-2017)